

**CULTURA AMBIENTAL COMO EIXO-INTEGRADOR DO PROGRAMA DE FORMAÇÃO EM ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL (ATER) PARA ASSENTAMENTOS DE REFORMA AGRÁRIA (PROFOR-EXT) DO POLO UNESP DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO**

**ENVIRONMENTAL CULTURE AS AN INTEGRATING AXIS OF THE TRAINING PROGRAM IN TECHNICAL ASSISTANCE AND RURAL EXTENSION (ATER) FOR AGRARIAN REFORM SETTLEMENTS (PROFOR-EXT) OF THE UNESP CENTER IN SÃO JOSÉ DO RIO PRETO**

**CULTURA AMBIENTAL COMO EJE INTEGRADOR DEL PROGRAMA DE CAPACITACIÓN EN ASISTENCIA TÉCNICA Y EXTENSIÓN RURAL (ATER) PARA ASSENTAMIENTOS DE REFORMA AGRARIA (PROFOR-EXT) DEL CENTRO DE LA UNESP EN SÃO JOSÉ DO RIO PRETO**

 10.56238/revgeov16n4-080

**Fábio Fernandes Villela**

Doutor em Sociologia

Instituição: Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Universidade Estadual Paulista (UNESP)

E-mail: [fabio.villela@unesp.br](mailto:fabio.villela@unesp.br)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2855-1018>

---

## RESUMO

Este artigo explora as principais conquistas e iniciativas da equipe do Polo Unesp de São José do Rio Preto do Programa de Formação em Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) para Assentamentos de Reforma Agrária (PROFOR-EXT), sob a ótica da “Cultura Ambiental”. A análise baseia-se na descrição das atividades do programa e na oferta de um curso de extensão intitulado: “Cultura Ambiental no Território Caipira: Hortifrúteis, Agrofloresta e Saúde no Solo”. Argumenta-se que essas conquistas não são meros avanços técnicos ou educacionais, mas sim manifestações concretas de uma “Cultura Ambiental” em desenvolvimento, que valoriza os saberes tradicionais, promove a solidariedade econômica territorial, busca a adaptação às mudanças climáticas e aspira à institucionalização de práticas sustentáveis. A pesquisa e extensão do Polo Unesp de São José do Rio Preto demonstram um compromisso com a formação de uma consciência ambiental crítica e transformadora, essencial para o desenvolvimento rural sustentável e a (re)existência das comunidades.

**Palavras-chave:** Cultura Ambiental. ATER. PROFOR-EXT. Agroecologia. Desenvolvimento Sustentável. Unesp. São José do Rio Preto. Saberes Tradicionais. Assentamentos Rurais.

## ABSTRACT

This article explores the main achievements and initiatives of the team at the São José do Rio Preto Unesp Center of the Technical Assistance and Rural Extension Training Program (ATER) for Agrarian Reform Settlements (PROFOR-EXT), from the perspective of "Environmental Culture." The analysis is based on a description of the program's activities and the offering of an extension course entitled:



"Environmental Culture in the Caipira Territory: Fruit and Vegetables, Agroforestry, and Soil Health." It argues that these achievements are not mere technical or educational advances, but rather concrete manifestations of a developing "Environmental Culture" that values traditional knowledge, promotes territorial economic solidarity, seeks adaptation to climate change, and aspires to the institutionalization of sustainable practices. The research and extension efforts at the São José do Rio Preto Unesp Center demonstrate a commitment to fostering a critical and transformative environmental consciousness, essential for sustainable rural development and the (re)existence of communities.

**Keywords:** Environmental Culture. ATER. PROFOR-EXT. Agroecology. Sustainable Development. Unesp. São José do Rio Preto. Traditional Knowledge. Rural Settlements.

### **RESUMEN**

Este artículo explora los principales logros e iniciativas del equipo del Centro Unesp de São José do Rio Preto del Programa de Asistencia Técnica y Capacitación en Extensión Rural (ATER) para Asentamientos de la Reforma Agraria (PROFOR-EXT), desde la perspectiva de la Cultura Ambiental. El análisis se basa en la descripción de las actividades del programa y en la oferta de un curso de extensión titulado "Cultura Ambiental en el Territorio Caipira: Frutas y Hortalizas, Agroforestería y Salud del Suelo". Se argumenta que estos logros no son meros avances técnicos o educativos, sino manifestaciones concretas de una Cultura Ambiental en desarrollo que valora los conocimientos tradicionales, promueve la solidaridad económica territorial, busca la adaptación al cambio climático y aspira a la institucionalización de prácticas sostenibles. Las iniciativas de investigación y extensión del Centro Unesp de São José do Rio Preto demuestran el compromiso con el fomento de una conciencia ambiental crítica y transformadora, esencial para el desarrollo rural sostenible y la (re)existencia de las comunidades.

**Palabras-clave:** Cultura Ambiental. ATER. PROFOR-EXT. Agroecología. Desarrollo Sostenible. Desesperado. São José do Río Preto. Conocimiento Tradicional. Asentamientos Rurales.



## 1 INTRODUÇÃO

O século XXI apresenta desafios sem precedentes relacionados à crise ambiental, às desigualdades socioeconômicas e à necessidade urgente de repensar as relações entre a sociedade e a natureza. Nesse contexto, a degradação ambiental, o aquecimento global e as mudanças climáticas emergem como problemas de escala planetária, demandando uma reavaliação das relações de produção e a busca por novas realidades societárias. A “Cultura Ambiental” (Cf. Villela, 2016) emerge como um conceito fundamental para compreender e orientar as ações humanas em direção a um desenvolvimento mais equitativo e sustentável. Ela transcende a mera preocupação com o meio ambiente, abarcando um sistema de conhecimentos, experiências, motivações, valores e atitudes que moldam a interação humana com o entorno natural e social.

No Brasil, um país de dimensões continentais e vasta diversidade socioambiental, o papel das instituições de ensino superior torna-se crucial na promoção de práticas e saberes que fortaleçam a (re)existência das comunidades e a sustentabilidade dos sistemas produtivos (Cf. Villela, 2025). A Universidade Estadual Paulista (UNESP), particularmente através do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE), tem se destacado nesse cenário. Este artigo revela uma série de iniciativas e conquistas que, quando analisadas sob a ótica da “Cultura Ambiental”, demonstram um profundo compromisso com a Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER), visando o fortalecimento da agricultura familiar e o desenvolvimento rural sustentável.

Este artigo tem como objetivo principal analisar as principais conquistas Polo Unesp de São José do Rio Preto do Programa de Formação em Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) para Assentamentos de Reforma Agrária (doravante somente, PROFOR-EXT)<sup>1</sup>, articulando-as com o conceito de “Cultura Ambiental”. Serão exploradas as participações da instituição em encontros regionais e nacionais do PROFOR-EXT e a oferta do curso de extensão “Cultura Ambiental” no Território Caipira: Hortifrútis, Agrofloresta e Saúde no Solo”. A partir dessa análise, busca-se demonstrar como o Polo Unesp de São José do Rio Preto (doravante, Polo Unesp-Rio Preto) não apenas promove o desenvolvimento técnico, mas, intrinsecamente, fomenta uma “Cultura Ambiental” que integra saberes acadêmicos e tradicionais, valoriza a identidade territorial e impulsiona transformações sociais e ecológicas. O artigo está estruturado em seções que abordam a conceituação de “Cultura Ambiental”, a descrição e análise das conquistas sob essa perspectiva, uma discussão integradora e as considerações finais.

---

<sup>1</sup> A equipe do Polo Unesp de São José do Rio Preto é composta pelos seguintes integrantes: Paulo Vinicius de Jesus Morgado, Antônia Raqueicha Sousa e Silva, Janaina Tereza Santos Teodoro, Clessio Martins Santos, Douglas Wellington Sponton e Fábio Fernandes Villela.



## 2 CONCEITUANDO “CULTURA AMBIENTAL”: BASES TEÓRICAS PARA A ANÁLISE DAS CONQUISTAS

O conceito de “Cultura Ambiental” é multifacetado e tem sido desenvolvido por diversos pesquisadores nas últimas décadas do século XX e início do XXI. Ele se distancia de uma visão puramente técnica ou biologicista do meio ambiente, inserindo a questão ambiental em um contexto cultural, social e ético. Para compreender as conquistas do Polo Unesp-Rio Preto, é fundamental delinear os principais elementos que compõem essa perspectiva teórica.

### 2.1 DEFINIÇÕES E DIMENSÕES DA CULTURA AMBIENTAL

A “Cultura Ambiental” pode ser definida como um “sistema de conhecimento, experiências, motivações, valores, atitudes relativas ao meio ambiente”. Este sistema engloba crenças e ideias que se manifestam de forma regular no pensamento e na ação prática, estando intrinsecamente ligado às diversas formas de consciência social: a política, a ética, a religião, a estética, a jurídica, a filosófica e a científica (Cf. Villela, 2016).

Fernando Salinas (1930-1992) foi um dos pioneiros no desenvolvimento do conceito, definindo a “Cultura Ambiental” como a “máxima representação física dos avanços sociais e econômicos de um país em vias de desenvolvimento”, na qual se relacionam as tradições populares, a participação cidadã e o conhecimento profissional. Ele enfatiza que o ambiente é a unidade entre sociedade, indivíduo e entorno, abrangendo passado, presente e futuro. Sua visão integradora inclui o meio natural, paisagens desenhadas, espaços urbanos, edificações, objetos de uso cotidiano, manifestações artísticas e culturais, e como todas essas inter-relações são vivenciadas em um contexto social, econômico, político, ecológico e cultural específico (Cf. Pérez-Rubio, 2003 e 1994).

Quesada (2002) complementa essa perspectiva, definindo a “Cultura Ambiental” como um “processo dialético que reflete a qualidade de vida das comunidades, o grau e expressão de domínio dos comunitários de suas condições de existência”. Essa qualidade de vida se manifesta através dos símbolos, significados herdados, vivenciados e criados pelos sujeitos em sua interação com outros membros da comunidade e com seu meio ambiente natural e social. Bery (2009) reforça que a “Cultura Ambiental” é parte da cultura geral integral da população, tendo como objetivo a busca da harmonia nas relações entre o homem, a sociedade e a natureza, contribuindo para o desenvolvimento pleno das potencialidades humanas e o enriquecimento do ser social. Isso implica na elevação da qualidade de vida e na formação de uma concepção de mundo que permite ao indivíduo analisar profundamente os complexos processos e fenômenos que ocorrem no mundo material e sua interação, avaliando o alcance e as consequências da atividade transformadora humana não só para a geração presente, mas também para as futuras. Em resumo, a missão da cultura na área ambiental está associada ao desenvolvimento humano, objetivando construir uma nova e definitiva responsabilidade social e individual para a



sustentabilidade humana, fundamentada em uma ética de sustentabilidade “desde”, “com” e “para” a comunidade, onde a relação com o resto dos componentes do ambiente é imprescindível.

Para Irizarri (2010), para desenvolver a “Cultura Ambiental”, deve-se partir da formação de uma profunda consciência nos indivíduos e grupos comunitários para se chegar à “consciência ambiental”. As mudanças de atitudes só podem ser alcançadas com uma cuidadosa investigação da “Cultura Ambiental” das comunidades, alicerçada em uma estratégia formativa ambientalista.

## 2.2 CULTURA AMBIENTAL E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: PARA ALÉM DO CAPITALISMO ECOLÓGICO

A ideia de “Cultura Ambiental” está intrinsecamente ligada à perspectiva de desenvolvimento sustentável. Contudo, é fundamental distinguir as diferentes abordagens desse termo. Esse eixo-integrador aponta para uma crítica ao que se denomina “capitalismo ecológico”, uma visão que busca introduzir novos padrões tecnológicos para atenuar os efeitos negativos sobre o meio ambiente, sem, contudo, promover alterações na lógica capitalista de acumulação e em uma visão antropocêntrica de mundo.

Em oposição a essa perspectiva, as iniciativas do Polo-Rio Preto, adota uma concepção de desenvolvimento sustentável que busca a “formação de uma solidariedade econômica territorial”. Conforme Flores (2006), essa abordagem postula a construção de processos de desenvolvimento territorial baseados na cooperação intra e interterritorial, onde a renda é distribuída a partir de uma “ética da cooperação”. Os atores locais são beneficiados por estratégias que valorizam o conjunto do território, seus produtos e serviços, articulados em torno de uma mesma construção cognitiva em escala territorial. Essa ideia de desenvolvimento sustentável está alicerçada na melhor gestão possível do socioambiente, tomando a “Cultura Ambiental” do “Território Caipira” como base (Cf. Villela, 2016).

## 2.3 CULTURA AMBIENTAL E SABERES TRADICIONAIS: UM LEGADO DA PESQUISA SOBRE O TERRITÓRIO CAIPIRA

A “Cultura Ambiental”, conforme Villela (2016), se nutre e se manifesta de forma potente através dos saberes tradicionais. O artigo citado, destaca que a preservação dessas tradições é crucial e pode auxiliar no desenvolvimento de novas experiências de “agricultura familiar”. Essa pesquisa enfatiza a necessidade de compreender a “Cultura Ambiental” dos indivíduos e grupos comunitários do Noroeste Paulista para possibilitar o desenvolvimento sustentável.

Os saberes tradicionais são definidos como o “conjunto de saberes e saber-fazer a respeito do mundo natural, sobrenatural, transmitido oralmente de geração em geração”. Em muitas sociedades, especialmente indígenas, existe uma interligação orgânica entre esses mundos e a organização social, sem uma linha divisória rígida entre o natural e o social. Esses saberes contribuem diretamente para a



manutenção da biodiversidade dos ecossistemas, sendo resultado de uma coevolução entre as sociedades e seus ambientes naturais. A Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT) reconhece as “comunidades tradicionais” como grupos culturalmente diferenciados que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos e práticas gerados e transmitidos pela tradição (Cf. Diegues, 1999).

O “modo de vida tradicional” e seus “saberes” constituem um conjunto de práticas e valores que remetem a uma ordem moral, tendo como valores nucleantes a família, o trabalho e a terra. Essa sociabilidade é territorializada, preferencialmente em escala local, informada por um sentimento de pertencimento ao lugar e estruturada em torno de relações pessoais, da família e de vínculos de solidariedade. A integração e valorização desses saberes são componentes essenciais para a construção de uma “Cultura Ambiental” robusta e contextualizada.

#### 2.4 CULTURA AMBIENTAL E TERRITÓRIO: A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO ESPAÇO E DA IDENTIDADE

A compreensão da “Cultura Ambiental” é inseparável da noção de território. O território não é apenas um espaço geográfico, mas uma construção histórica e, portanto, social, a partir das relações de poder (concreto e simbólico) que envolvem, concomitantemente, sociedade e espaço geográfico. Essas relações de poder se manifestam em processos de domínio (caráter funcional, como recurso) e apropriação (valor simbólico). Todo território é, assim, funcional e simbólico, pois se exerce domínio sobre o espaço para realizar “funções” e produzir “significados”. (Cf. Villela, 2016).

A territorialidade incorpora dimensões políticas, econômicas e culturais, estando relacionada ao modo como as pessoas utilizam a terra, se organizam e atribuem significado ao lugar. Quatro objetivos da territorialização são identificados: (1) abrigo físico, fonte de recursos materiais ou meio de produção; (2) identificação ou simbolização de grupos através de referentes espaciais; (3) disciplinarização ou controle através do espaço; e (4) construção e controle de conexões e redes. A consciência territorial, fortemente vinculada às identidades individuais e coletivas, elabora-se em direção à autonomia e sociabilidade, e pode ser analisada e compreendida por meio dos saberes tradicionais, já que ela é uma das formas pela qual se expressam as diferentes culturas. (Cf. Villela, 2016).

O “Território Caipira” do Noroeste Paulista é um exemplo concreto dessa construção social e identidade cultural. Diegues (1999) o caracteriza como comunidades de sitiantes, meeiros e parceiros que sobrevivem em nichos entre as monoculturas, desenvolvendo atividades agropecuárias em pequenas propriedades para subsistência familiar e mercado. Marins (2004) descreve a “civilização do milho” paulista, marco histórico da alimentação e dos saberes dos nativos e escravizados, evidenciando



como a cultura alimentar está enraizada no território e nos modos de vida. Esse território é um *locus* de “conhecimentos populares, hábitos, usos e costumes que distinguem determinada comunidade”, representando um patrimônio material e imaterial que pode auxiliar no desenvolvimento de novas experiências de “agricultura familiar”.

Em suma, a “Cultura Ambiental” não é um conceito abstrato, mas um arcabouço teórico que permite analisar a complexidade das interações socioambientais, a valorização dos saberes locais, a construção de territórios identitários e a busca por um desenvolvimento que respeite os limites do planeta e promova a equidade social. É a partir dessa lente que as conquistas do Polo Unesp-Rio Preto serão examinadas.

### **3 ANÁLISE DAS CONQUISTAS DO POLO UNESP-RIO PRETO SOB A ÓTICA DA CULTURA AMBIENTAL**

As iniciativas do Polo Unesp-Rio Preto, como do PROFOR-EXT e o curso “Cultura Ambiental” no Território Caipira: Hortifrúti, Agrofloresta e Saúde no Solo”, representam conquistas significativas que podem ser interpretadas como expressões de uma “Cultura Ambiental” em formação e disseminação. Essas ações não se limitam à transferência de conhecimento técnico, mas buscam integrar saberes, promover a participação comunitária e construir uma ética de sustentabilidade<sup>2</sup>.

#### **3.1 O PROGRAMA PROFOR-EXT: A ATER COMO EIXO DA CULTURA AMBIENTAL EM CONSTRUÇÃO**

O Programa PROFOR-EXT é um projeto piloto financiado pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar (MDA) e pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), envolvendo 16 Instituições de Ensino Superior (IES). Seu principal objetivo é promover a formação em ATER, atendendo às demandas das comunidades rurais em assentamentos de reforma agrária, e tem a ambição de se tornar uma política pública integrada às grades curriculares universitárias. A participação do Polo Unesp-Rio Preto nesse programa reflete um esforço concentrado em cultivar uma “Cultura Ambiental” por meio da extensão e da formação.

##### **3.1.1 Reforço do Compromisso e Resultados Alcançados na Perspectiva da Cultura Ambiental**

A participação do Polo Unesp-Rio Preto no Encontro Regional Sudeste do PROFOR-EXT em Piracicaba-SP, em janeiro 2025, reforçou o compromisso com o avanço do programa e com os resultados já alcançados. Esse reforço não é apenas administrativo; ele valida as práticas e os conhecimentos que estão sendo desenvolvidos, consolidando um corpo de saberes e atitudes que

---

<sup>2</sup> Para um primeiro balanço dos resultados alcançados no projeto conferir: VILLELA, Fábio F.; MORGADO, Paulo V. de J.; SILVA, Antônia R. S. e; TEODORO, Janaina T. S.; SANTOS, Clessio M.; SPONTON, Douglas W. (2025).

compõem a “Cultura Ambiental”. Quando um programa demonstra resultados, ele gera credibilidade e incentiva a continuidade das ações, que, nesse caso, visam explicitamente o fortalecimento da agricultura familiar em assentamentos e o desenvolvimento rural sustentável. Essas metas estão alinhadas diretamente com uma “Cultura Ambiental” que busca a harmonia nas relações homem-sociedade-natureza e a elevação da qualidade de vida.

O Polo Unesp-Rio Preto apresentou os resultados expressivos dos 6 primeiros meses do projeto. Um resumo das atividades do Polo Unesp-Rio Preto: 18 oficinas envolvendo temáticas como: Agroecologia, Agrofloresta, Saúde do Solo, Adubação Orgânica, Bioinsumos, Packing House e Educação no Campo. Desenvolvimento de projetos de Agrofloresta experimental: (1) Agrofloresta com foco em Hortaliças (600m<sup>2</sup>) e (2) Agrofloresta com foco em roça (1.000m<sup>2</sup>), somando o plantio de 75 árvores nativas + 75 banana nanica + 98 mamão formosa. Projetos pré-aprovados para os Fomentos Ambiental, Mulher e Jovem: Assentamento Augusto Boal: 08 projetos (06 Ambiental, 1 jovem e 1 mulher) e Assentamento Reunidas: 11 Projetos (1 ambiental, 6 jovem e 04 mulher), no total de 19 Projetos pré-aprovados. Além de reuniões e visitas técnicas para alinhamento para fomentos e elaboração de projetos, no total de 15 visitas técnicas (análise e diagnóstico + consultoria e manejo agroflorestal). Essas ações reforçam o compromisso da Universidade com o fortalecimento da agricultura familiar e a sustentabilidade nos assentamentos de reforma agrária.

A participação de aproximadamente 100 pessoas, incluindo docentes, pesquisadores, profissionais, estudantes, jovens assentados, e lideranças comunitárias de diversas universidades (ESALQ, UFSCar, UNESP, IFSP, IFMG, UFF) apresentado seus projetos, demonstra uma ampla mobilização de múltiplos atores em torno de uma agenda de “Cultura Ambiental”. A riqueza das reflexões e debates promovidos nesse encontro é um indicativo da construção coletiva de soluções e perspectivas para os desafios rurais.

### **3.1.2 Fortalecimento da Agricultura Familiar e Desenvolvimento Rural Sustentável**

O PROFOR-EXT tem como um de seus objetivos centrais o fortalecimento da agricultura familiar e a promoção do desenvolvimento rural sustentável. Essa é uma conquista fundamental sob a ótica da “Cultura Ambiental”. A agricultura familiar, como ressaltado, muitas vezes incorpora práticas tradicionais de manejo do solo, conservação de sementes e respeito aos ciclos naturais, que são expressões diretas de uma “Cultura Ambiental” local e de saberes tradicionais. O apoio a essa forma de produção não apenas garante a segurança alimentar, mas também preserva a biodiversidade e os modos de vida que são coevolúidos com seus ambientes naturais. O desenvolvimento rural sustentável, como proposto por Flores (2006) e adotado pelas iniciativas do Polo Unesp-Rio Preto, busca a “solidariedade econômica territorial”, baseada na cooperação e em uma ética de distribuição de renda,



o que é um pilar para uma “Cultura Ambiental” que transcende o mero lucro e prioriza o bem-estar coletivo e ambiental.

### **3.1.3 Ampla Colaboração Institucional e Troca de Saberes como Pilares da Cultura Ambiental**

O PROFOR-EXT congrega 16 Instituições de Ensino Superior (IES), o que demonstra uma capacidade de articulação e colaboração em nível nacional. Essa rede institucional é crucial para a disseminação de uma “Cultura Ambiental”, pois permite que conhecimentos e experiências sejam compartilhados e adaptados a diferentes contextos regionais. O 1º Encontro de Intercâmbio e Nivelamento Conceitual-Metodológico das Experiências de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER), que foi realizado em setembro 2024 no município de Luís Correia (PI), é um exemplo notável dessa conquista.

Nesse evento, a Unesp teve uma participação ativa e expressiva, com membros de seus três Polos (Registro, São José do Rio Preto e Presidente Prudente), entre estagiários de extensão, jovens de assentamentos e comunidades quilombolas, além de supervisores e coordenadores regionais. A delegação da Unesp teve a oportunidade de apresentar e comparar as atividades realizadas em três comunidades quilombolas e sete assentamentos rurais no Estado de São Paulo, incluindo assentamentos de Promissão (SP) e José Bonifácio (SP). Essa “troca de saberes” foi considerada “essencial para o entendimento da abrangência e dos desafios enfrentados no campo” da extensão rural. Essa interação direta entre a academia e as comunidades tradicionais é um pilar fundamental da “Cultura Ambiental”, pois valoriza os saberes tradicionais “o conjunto de saberes e saber-fazer a respeito do mundo natural, sobrenatural, transmitido oralmente de geração em geração”, conforme Villela (2016) e os integra ao conhecimento científico. Ao reconhecer o conhecimento local, os projetos contribuem para o fortalecimento da consciência territorial e da identidade cultural dessas comunidades. A capacitação de “jovens formadores” em áreas de Reforma Agrária, comunidades quilombolas, povos indígenas e outras comunidades do campo é uma ação estratégica para perpetuar e adaptar a “Cultura Ambiental” às novas gerações, empoderando-as para serem protagonistas do seu próprio desenvolvimento sustentável.

### **3.1.4 Adaptação às Mudanças Climáticas e a Ambição de Política Pública: A Cultura Ambiental em Diálogo com Desafios Globais**

O II Encontro Nacional do Programa PROFOR-EXT ocorrido em junho de 2025 na Universidade Federal do Pará (UFPA) em Belém-PA, focou em “Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) como estratégias de adaptação às mudanças climáticas: um debate necessário para Assentamentos de Reforma Agrária na COP-30”. Essa temática eleva a “Cultura Ambiental” para um patamar de urgência global. Discutir a ATER como uma estratégia de adaptação às mudanças



climáticas é reconhecer a capacidade humana de avaliar o alcance e as consequências da sua atividade transformadora sobre o ambiente, não só para a presente geração, mas também para as futuras. Isso alinha o programa com a missão da “Cultura Ambiental” de construir uma “nova e definitiva responsabilidade social e individual para a sustentabilidade humana”. A participação de alunos do Polo Unesp-Rio Preto, autoridades federais e estaduais, professores, estudantes, profissionais, agricultores familiares e jovens assentados de todo o Brasil nesse encontro sublinha a amplitude do diálogo necessário para a construção de uma “Cultura Ambiental” robusta.

Além do debate temático, o evento também teve a função de apresentar um balanço dos resultados alcançados pelo programa no ano anterior. Essa prestação de contas reforça a transparência e a seriedade do PROFOR-EXT como um projeto piloto que busca a consolidação e a expansão de suas atividades. A escolha do tema e a localização do evento em Belém-PA, cidade que sediará a COP-30, demonstraram a conexão do programa com agendas globais de sustentabilidade e a busca por soluções locais para desafios globais.

A ambição do PROFOR-EXT de se tornar uma política pública integrada às grades curriculares universitárias é uma conquista prospectiva de enorme significado para a “Cultura Ambiental”. Isso significa que a formação em ATER, com suas premissas de sustentabilidade e valorização dos saberes locais, seria institucionalizada, garantindo que futuras gerações de profissionais sejam formadas com uma profunda consciência e engajamento ambiental. Isso pode consolidar a “Cultura Ambiental” não apenas como um conjunto de práticas isoladas, mas como um princípio orientador da educação e da extensão universitária.

### 3.2 O CURSO CULTURA AMBIENTAL NO TERRITÓRIO CAPIRA: HORTIFRÚTIS, AGROFLORESTA E SAÚDE NO SOLO

Complementando as ações do PROFOR-EXT, o Polo Unesp-Rio Preto demonstrou seu compromisso com a difusão do conhecimento por meio de um curso gratuito de extensão intitulado: “Cultura Ambiental no Território Caipira: Hortifrúteis, Agrofloresta e Saúde no Solo”. Este curso, oferecido à comunidade em geral e coordenado pelo autor, docente do Departamento de Educação da Unesp-Rio Preto, é uma conquista direta na promoção da “Cultura Ambiental”.

#### 3.2.1 Conectando Teoria e Prática da Cultura Ambiental no Território Caipira

Os objetivos do curso são múltiplos e abrangentes: fornecer formação em educação no campo, desenvolver pesquisas na interface entre “Cultura Ambiental”, agroecologia e saúde no solo, e divulgar conhecimentos relevantes para a comunidade. O curso se fundamenta na ideia de trabalhar a “Cultura Ambiental” a partir de uma perspectiva de desenvolvimento sustentável, buscando a “formação de uma solidariedade econômica territorial” e uma “ética da cooperação”. Essa abordagem teórica é central



para a construção de uma “Cultura Ambiental” que desafia o “capitalismo ecológico” e propõe um modelo de desenvolvimento mais justo e resistente.

A metodologia do curso é inovadora, integrando aulas teóricas online via Google Classroom com aulas práticas presenciais no Assentamento Augusto Boal, em José Bonifácio-SP e Reunidas em Promissão-SP. Essa combinação é fundamental para solidificar a “Cultura Ambiental”, pois permite que os conceitos sejam internalizados e aplicados em um ambiente real de agricultura familiar. As aulas práticas, em particular, em dois assentamentos de reforma agrária, valorizam o local como um espaço de aprendizagem e de demonstração de práticas que são intrinsecamente ligadas aos saberes tradicionais e ao modo de vida camponês. O material didático, incluindo PDFs, o Blog de Aula: Centro Virtual de Estudos e Culturas do Mundo Rural (CVEC MR), o Canal no Youtube são disponibilizados gratuitamente, ampliando o acesso ao conhecimento gerado na universidade para a comunidade em geral (Cf. Villela, 2011 e 2014).

### **3.2.2 A Agroecologia como Expressão da Cultura Ambiental**

O conteúdo programático do curso é uma demonstração das conquistas na aplicação da “Cultura Ambiental”. Aborda uma vasta gama de temas e técnicas, destacamos a seguir 4 eixos principais:

- (1) Princípios da Agrofloresta e Agricultura Sintrópica: Modelos e consórcios em Sistemas Agroflorestais (SAFs), e SAFs como estratégia de restauração de Áreas de Preservação Permanente (APPs). Essas práticas que imitam os ecossistemas naturais promovem a biodiversidade e a saúde do solo, sendo exemplos concretos de como uma “Cultura Ambiental” se traduz em ações que buscam a “melhor gestão possível do socioambiente” e a harmonia nas relações homem-sociedade-natureza;
- (2) Estratégias de Manejo e Conservação do Solo: Este módulo detalhou técnicas como cromatografia de Pfeiffer, Bokashi, farinhas de rochas, adubos verdes, biofertilizantes, Biochar, Fosfito, Água de vidro, Caldas minerais e Micorrizas. Essas são aplicações práticas que refletem uma profunda compreensão da “saúde no solo” e da vida no ambiente agrícola, essencial para uma “Cultura Ambiental” que se preocupa com a longevidade dos recursos naturais;
- (3) Campo Metagenômico: Este módulo explorou o “Campo Metagenômico” (carvão vegetal, cerâmica, ferro e microrganismos) e a produção do “purim-microbiano” (farinha de rocha, biochar, esterco curtido em amido/açúcar, granulação). Essas abordagens representam avanços na compreensão de sistemas complexos e na utilização de saberes tradicionais e científicos para a fertilidade do solo, consolidando uma “Cultura Ambiental” que integra ciência e práticas ancestrais;



- (4) Valorização de Recursos Locais e Biodiversidade: Este módulo abordou o uso de microrganismos camponeses, plantas medicinais e PANCs (Plantas Alimentícias Não Convencionais), refletindo uma perspectiva ancestral de saúde e alimento. Isso resgata e valoriza os saberes tradicionais sobre a biodiversidade local. A importância das sementes crioulas, como o milho crioulo “Cunha”, e a sua relação com a “civilização do milho” são tópicos cruciais que demonstram uma “Cultura Ambiental” de resistência e autonomia camponesa contra o patenteamento por grandes empresas e as tecnologias transgênicas. A constituição de “bancos de sementes” é uma estratégia de conservação da agrobiodiversidade e de garantia da soberania alimentar (Cf. Villela, 2016).

Enfim, os resultados esperados do curso estão alinhados com diversos “Objetivos de Desenvolvimento Sustentável” (doravante, ODS) da ONU, incluindo Erradicação da Pobreza, Fome Zero e Agricultura Sustentável, Educação de Qualidade, Trabalho Decente e Crescimento Econômico, e Redução das Desigualdades. Essa conexão demonstra que a “Cultura Ambiental” promovida pelo Polo Unesp-Rio Preto tem um impacto social e econômico direto, contribuindo para uma agenda global de sustentabilidade e para a “promoção econômica, social e cultural do trabalhador rural e de seus familiares”.

#### **4 A CULTURA AMBIENTAL COMO EIXO-INTEGRADOR DAS CONQUISTAS DO POLO UNESP-RIO PRETO**

As diversas conquistas delineadas nas seções anteriores, não são ações isoladas, mas manifestações sinérgicas que se interligam e se potencializam através do conceito de “Cultura Ambiental”. Esse eixo epistemológico permite compreender a profundidade e a abrangência do impacto das iniciativas da universidade. A análise dos componentes da “Cultura Ambiental” – saberes, experiências, motivações, valores e atitudes – revela como cada iniciativa contribui para a formação dessa cultura em diferentes níveis.

A participação no PROFOR-EXT, desde os encontros regionais até o nacional, demonstra a importância vital da ATER para o desenvolvimento rural sustentável e o fortalecimento da agricultura familiar. Essa ATER não é meramente técnica; ela é culturalmente informada, buscando a valorização dos saberes tradicionais e a construção de uma solidariedade econômica territorial. A ênfase na “troca de saberes” entre acadêmicos, jovens assentados, comunidades quilombolas e povos indígenas é um reflexo direto da “Cultura Ambiental”, que reconhece a complementaridade entre o conhecimento científico e o conhecimento empírico e ancestral. Essa integração é fundamental para elaborar estratégias de preservação das tradições e para a construção de uma consciência ambiental que reflita a complexa rede de relações entre a sociedade e seu ambiente.



A articulação do PROFOR-EXT com a agenda das mudanças climáticas é uma conquista que eleva a “Cultura Ambiental” a um imperativo global. A discussão sobre ATER como estratégia de adaptação e mitigação não só prepara as comunidades para os desafios futuros, mas também reforça a ideia de uma responsabilidade social e individual para a sustentabilidade humana, que transcende o presente e se projeta para as futuras gerações. A busca pela institucionalização do PROFOR-EXT como política pública sugere um entendimento de que a “Cultura Ambiental” precisa ser enraizada nas estruturas educacionais e governamentais para garantir sua perenidade e impacto em larga escala.

O curso “Cultura Ambiental no Território Caipira: Hortifrútiis, Agrofloresta e Saúde no Solo” foi a expressão mais explícita na promoção da “Cultura Ambiental”. Ao abordar a agroecologia não apenas como um conjunto de técnicas, mas como uma filosofia de vida – uma sala de aula ao ar livre, focada na saúde do solo e na preservação da biodiversidade, o curso cultivou uma ética ambiental profunda. A valorização de produtos locais, como o milho crioulo, ilustra como a “Cultura Ambiental” pode ser um motor para a autonomia produtiva e a conservação da agrobiodiversidade, em contraposição a modelos de produção que desconsideram o patrimônio genético e cultural. A metodologia da “acupuntura territorial” (Cf. Villela, 2016) demonstra uma abordagem prática e estratégica para catalisar transformações ambientais e sociais a partir do reconhecimento das particularidades de cada “Território Caipira”, transformando assentamentos rurais em locais privilegiados de novas experiências tecnológicas.

A inserção da metodologia de Educação de Jovens e Adultos (EJA), conforme exposto em Villela (2016), foi uma conquista que sublinha a dimensão social e inclusiva da “Cultura Ambiental”. Ao integrar os saberes tradicionais das mulheres e outros membros da comunidade com a educação formal, promoveu a elevação da escolaridade e a qualificação profissional, com isso empoderou os indivíduos para se tornarem agentes de sua própria transformação e do seu entorno. O uso de tecnologias digitais reflete uma adaptação inovadora para difundir a “Cultura Ambiental”, tornando-a acessível e promovendo a participação crítica em um ambiente contemporâneo, inclusive para a inclusão digital. Os ODS do curso reforçam que a “Cultura Ambiental” não é apenas local, mas contribui para metas globais de erradicação da pobreza, fome zero, educação de qualidade e redução das desigualdades.

Em conjunto, essas iniciativas demonstram que a Universidade não é apenas um centro de produção de conhecimento, mas um ator social que se engaja ativamente na construção de uma “Cultura Ambiental” transformadora. Ao conectar ATER, agroecologia, saberes tradicionais, desenvolvimento sustentável e educação, a instituição fomenta uma abordagem holística que é essencial para enfrentar os desafios complexos do presente e do futuro. A “Cultura Ambiental” atua como um fio condutor, integrando teoria e prática, academia e comunidade, conhecimento local e global, na busca por uma coexistência mais harmoniosa e responsável entre o ser humano e o planeta.

A multiplicidade de atores envolvidos (docentes, pesquisadores, estudantes, jovens assentados, lideranças comunitárias, mulheres, etc.) e a diversidade de temas abordados (manejo do solo, sementes crioulas, adaptação climática, inclusão produtiva) evidenciam a complexidade e a riqueza da “Cultura Ambiental” que a Universidade está ajudando a edificar e disseminar.

## 5 CONCLUSÃO

Dado o exposto, fica evidente o papel proativo e engajado da Universidade no fomento à ATER e à agroecologia no Brasil. Por meio de sua participação estratégica no Programa PROFOR-EXT e da oferta de cursos de difusão de conhecimento, a instituição contribuiu significativamente para o fortalecimento da agricultura familiar, o desenvolvimento rural sustentável e a capacitação de atores-chave no campo. O conceito de “Cultura Ambiental” emerge como o eixo epistemológico que unifica e potencializa todas essas conquistas.

Os encontros regionais e nacionais do PROFOR-EXT serviram como plataformas vitais para o intercâmbio de saberes, o nivelamento conceitual-metodológico e a discussão de temas cruciais, como a adaptação às mudanças climáticas. A colaboração com outras 15 instituições de ensino superior e o financiamento de órgãos como o MDA e o Incra sublinham a relevância e o potencial de impacto do PROFOR-EXT em nível nacional. A aspiração de transformar o PROFOR-EXT em uma política pública integrada às grades curriculares universitárias representa um passo importante na institucionalização e perenidade dos esforços de formação em ATER, garantindo que a “Cultura Ambiental” seja um componente intrínseco da educação universitária.

Paralelamente, o curso “Cultura Ambiental no Território Caipira: Hortifrútis, Agrofloresta e Saúde no Solo” demonstrou o compromisso da Universidade com a difusão de conhecimentos práticos e teóricos em agroecologia para a comunidade em geral. Ao abordar técnicas específicas e conceitos de desenvolvimento sustentável e solidariedade econômica territorial, o curso capacita os participantes (40 concluintes) a implementarem práticas que promovem a saúde do solo e a sustentabilidade ambiental e social, com um forte alinhamento aos ODS. A valorização de produtos locais, como o milho crioulo “Cunha”, e o resgate da “civilização do milho” ilustram a defesa da agrobiodiversidade e da autonomia camponesa, enquanto a “acupuntura territorial” oferece uma estratégia metodológica inovadora para catalisar transformações locais (Cf. Villela, 2016).

Por fim, as iniciativas de Educação de Jovens e Adultos (EJA) nos assentamentos, com foco nas mulheres, são conquistas que reforçam a “Cultura Ambiental” ao valorizar os saberes tradicionais, promover a inclusão produtiva e integrar o conhecimento local com a educação formal. A utilização de ferramentas digitais amplia o acesso e a participação, democratizando a “Cultura Ambiental” e fomentando uma consciência crítica e transformadora.



Em suma, as conquistas da Universidade, conforme descrito anteriormente, ilustram um modelo de atuação universitária que transcende os muros da academia, engajando-se diretamente com as demandas sociais e ambientais do campo. A Universidade se estabelece como um vetor de transformação, promovendo a capacitação, a troca de experiências e a inovação em prol de um rural mais justo, produtivo e ambientalmente equilibrado, reforçando a importância da ATER e da agroecologia como caminhos para um futuro mais sustentável, todos eles permeados e fortalecidos por uma sólida “Cultura Ambiental”.

### **FINANCIAMENTO**

PROEC-UNESP/MDA-INCRA



**REFERÊNCIAS**

BERY, M. G. La Cultura Ambiental y el promotor cultural: una mirada necesaria en la comunidad “El Tivoli” en Santiago de Cuba. Santiago de Cuba: Universidad de Oriente, 2009. 80 p. Dissertação (Master en Desarrollo Cultural Comunitario) – Programa de Pós-graduação em Desarrollo Cultural Comunitario, Facultad de Humanidades, Universidad de Oriente, Santiago de Cuba, 2009.

DIEGUES, A. C. (Org.). Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil. Brasília: Ministério do Meio Ambiente; São Paulo: USP, 1999.

FLORES, M. A identidade cultural do território como base de estratégias de desenvolvimento – uma visão do estado da arte. Territorios com identidad cultural. Centro Latinoamericano para el Desarrollo Rural - Rimisp, Anais do Seminário Rimisp 20º Aniversário, 2006. 46 p. Disponível em: < [www.rimisp.org](http://www.rimisp.org) >. Acesso em: 30 jun. 2014.

IRIZARRI, L. S. El desarrollo de una Cultura Ambiental en el contexto comunitario de Cuba. 2010. Universidad de Granma, Jiguaní, Cuba. Centro de Trabajo: Sede Municipal Universitaria. Disponível em: < [www.monografia.com](http://www.monografia.com) >. Acesso em: 30 jun. 2014.

MARINS, P. C. G. A vida cotidiana dos paulistas: moradias, alimentação, indumentária. In: SETUBAL, Maria Alice (Org.). Modos de vida dos paulistas: identidades, famílias e espaços domésticos. São Paulo: Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária / CENPEC, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004. v. 2. p. 1-3.

PÉREZ-RUBIO, C. V. El diseño ambiental en Nuestra América: colonización o liberación. Archipiélago. Revista Cultural de Nuestra América. México, v. 11, n. 41, 2003. p. 54-57.

\_\_\_\_\_. Y el perro ladra y la luna enfria. Fernando Salinas: diseño, ambiente y esperanza. México: UNAM, UAM-A, UIA, 1994

QUESADA, M. de. La Cultura Ambiental comunitaria: un reto de la integración escuela-comunidad. Santiago de Cuba: Universidad de Oriente, 2002. 125 p. Dissertação (Master en Desarrollo Cultural Comunitario) – Programa de Pós-graduação em Desarrollo Cultural Comunitario, Facultad de Humanidades, Universidad de Oriente, Santiago de Cuba, 2002.

VILLELA, Fábio F.; MORGADO, Paulo V. de J.; SILVA, Antônia R. S. e; TEODORO, Janaina T. S.; SANTOS, Clessio M.; SPONTON, Douglas W. Agroecologia e sustentabilidade no território caipira: formação e práticas em agrofloresta e saúde no solo. In: SILVA, Ana C. de L.; SCHREINER, Camila T.; BRAGA, Daniel P. P.; SILVA, Josenildo de S. (Orgs.). ProforEXT [livro eletrônico]: Programa Nacional de Formação em ATER para Assentamentos de Reforma Agrária e Contribuições para a Agenda 2030. 1. ed. Goiânia-GO: Cegraf UFG, 2025, v. 1, p. 311-334. Disponível em: < <https://portaldelivros.ufg.br/index.php/cegrafufg/catalog/book/788> >. Acesso em 18 set. 2025.

VILLELA, Fábio F. To aggressions, we (re)exist with the environmental culture of Nuestra America. Science and Connections: The Interdependence of Disciplines. 1. ed. São José dos Pinhais-PR: Seven Editora, 2025, v. 1, p. 1-18. Disponível em: < <https://sevenpubl.com.br/editora/article/view/6455> >. Acesso em 18 set. 2025.

\_\_\_\_\_. Cultura Ambiental no território caipira: história e saberes tradicionais das mulheres do noroeste paulista. Retratos de Assentamentos. v. 19, p. 323-350, 2016. Disponível em: < <https://retratosdeassentamentos.com/index.php/retratos/article/view/200/194> >. Acesso em 18 set. 2025.

\_\_\_\_\_. Centro virtual de estudos e culturas do mundo rural. 2014. Projeto de Extensão. Net, São José do Rio Preto – SP, 2014. Disponível em: < <http://www.cecmundorural.com.br> >. Acesso em 16 dez. 2023.

\_\_\_\_\_. Canal Youtube Fábio Fernandes Villela. YouTube. Internet, São José do Rio Preto – SP, 2011. Disponível em: < <https://www.youtube.com/user/fabiovillela100/> >. Acesso em 17 dez. 2023.

